

Espacialidades urbanas, imagens e práticas cotidianas em cuiabá no período imperial

Urban spatiality, images and everyday practices in cuiabá during the imperial period

Sônia Regina Romancini³⁰
Edenilson Dutra de Moura³¹

RESUMO: Considerando as comemorações do bicentenário da Independência do Brasil, este artigo objetiva analisar a expressão territorial urbana de Cuiabá no período imperial, através da seleção de algumas espacialidades e práticas cotidianas, as quais permitem entender a complexidade da relação espaço-tempo na dinamização da paisagem urbana cuiabana. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico, documental e fotográfico em distintos períodos, mas com ênfase na análise da cidade no período imperial. Registra-se que este artigo é um convite para compreendermos que a cidade do passado, possibilita vislumbrar a cidade do presente, evidenciando, portanto, que a memória urbana é essencial para o entendimento do espaço geográfico de Cuiabá na contemporaneidade.

Palavras-chave: Cuiabá. Período imperial. Práticas cotidianas.

ABSTRACT: Considering the celebrations of Brazil's Independence bicentenary, this article aims to analyze the urban territorial expression of Cuiabá in the imperial period, through the selection of some spatiality and everyday practices, which allow us to understand the complexity of the space-time relationship in the dynamic of the *cuiabana* urban landscape. To this end, a bibliographic, documentary and photographic survey was carried out in different periods, but with emphasis on the analysis of the city in the imperial period. It is recorded that this article

30 Professora Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutora em Geografia. E-mail: romancini.ufmt@gmail.com

31 Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá, atua no Campus Binacional Oiapoque. Doutor em Geografia. E-mail: edenilson.moura@unifap.br

is an invitation to understand that the city of the past makes it possible to glimpse the city of the present, evidencing, therefore, that urban memory is essential for the understanding of the geographical space of Cuiabá in contemporary times.

Keywords: Cuiabá. Imperial period. Everyday practices.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar a expressão territorial e as práticas cotidianas da cidade de Cuiabá no período imperial, o qual marcou, dentre outros, o evento da Independência do Brasil. Entre as contribuições para a análise geográfica da cidade no contexto histórico, destacamos as de Vasconcelos (1999) que, ao discutir as questões metodológicas na geografia urbana histórica, afirma que as dificuldades de análise das transformações espaciais das cidades nos períodos denominados de longa duração, estão na relação entre os longos períodos marcados pelo cotidiano e os momentos que saem da rotina, repletos de eventos significativos, que resultam em modificações na sociedade urbana, bem como nas funções, nas estruturas e nas formas espaciais.

A esses períodos, embora sejam de curta duração, o autor propõe a denominação de “períodos densos”, pelo significado das transformações que extrapolam o cotidiano, sem ocasionar uma ruptura, mas que colocam a sociedade urbana frente a uma nova realidade. Tais períodos densos podem fornecer elementos para o estudo, através de documentação e da cartografia da época.

Vasconcelos destaca as mudanças tecnológicas que ocorrem em determinados momentos e que podem transformar o conjunto do funcionamento da sociedade e da cidade. Ressalta que o aparecimento de novas ideias e ideologias podem modificar as maneiras de pensar e transformar os valores da sociedade urbana, assim como as influências do estilo artístico de cada período. O estudo das cidades brasileiras que apresentam uma longa história poderia se dar da seguinte forma, conforme análise de Vasconcelos (1999, p. 199): “A partir de um certo nível de crescimento da cidade, as partes da mesma poderão ser examinadas individualmente, segundo os vetores principais da expansão. Consideramos pertinentes essas recomendações de Vasconcelos para identificar a dinâmica urbana de Cuiabá, no período imperial.

Este estudo tem como principal metodologia a pesquisa bibliográfica e tem como base os estudos de Romancini (2001) sobre o tema, abordados na tese de doutorado intitulada: “Paisagens de Cuiabá: uma abordagem geográfica”.

A paisagem urbana no século XIX

Ao realizar estudos sobre a dinâmica urbana de Cuiabá, Freire (1997) aponta que, entre o final do século XVIII e o início do XIX, a cidade se adensa, definindo melhor sua estrutura e a malha urbana. Em 1818, foi elevada à categoria de cidade, com a denominação de Cuiabá.

A cidade ganhou novo impulso, quando se constatou que a escolha de Vila Bela como sede da capitania de Mato Grosso, devido ao grande afastamento dos demais centros de população, não comportava mais tal função. No ano de 1821, objetivando a integração de Mato Grosso com outros países, sua capital foi transferida de Vila Bela para Cuiabá, que, através da navegação pelo rio Paraguai e estuário do Prata, possibilitava o contato com o Rio de Janeiro e Europa. Dessa forma, Cuiabá começava a se destacar enquanto entreposto comercial. Ressalta-se que, com a proclamação da Independência do Brasil, em 1822, Cuiabá passou a sediar a capital da província de Mato Grosso. Entretanto, somente em agosto de 1835 foi oficializada a mudança da capital para Cuiabá (SIQUEIRA *et al.*, 1990).

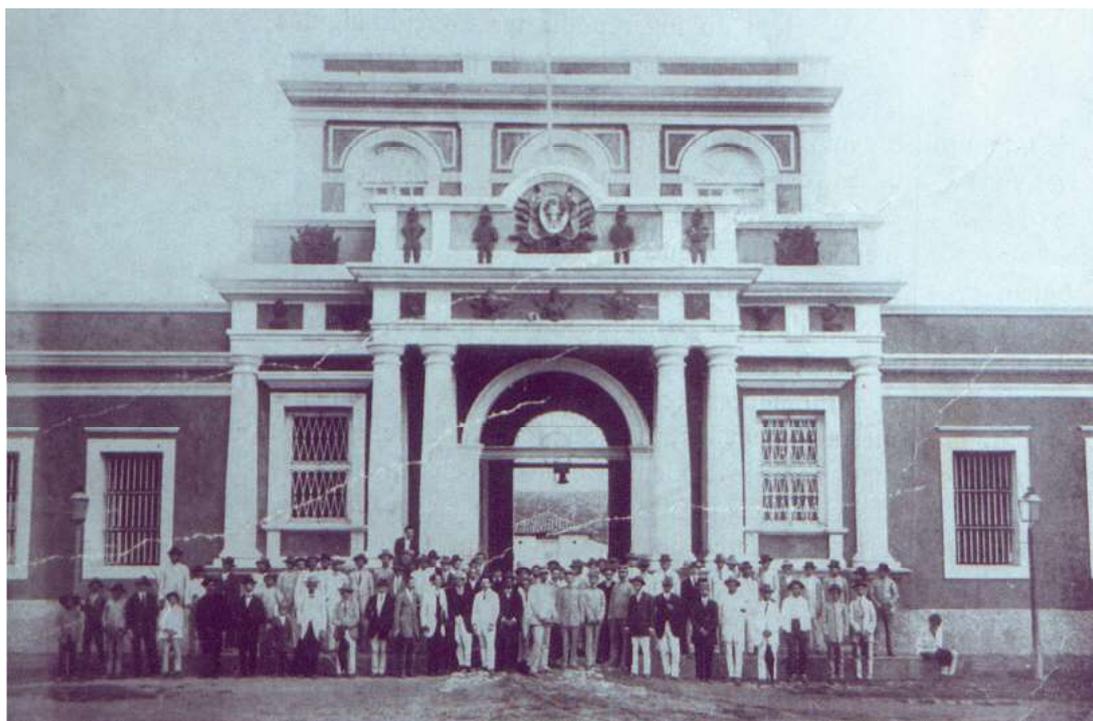
Naquele período ocorreu uma fase de expansão urbana em direção ao rio Cuiabá. O Governo da Província construiu o Porto de Cuiabá e instalou a Capitania dos Portos. Em 1836, procedeu-se à retificação do córrego da Prainha, com a abertura de um canal até o rio Cuiabá, para desobstruir o seu leito, atulhado pelas sobras da mineração (BRANDÃO, 1991).

Outras obras importantes foram realizadas nessa fase: o Palácio do Governo, a Intendência, o Armazém de Arrecadação do Armamento, o Armazém do Depósito dos Apetrechos de Guerra, a Casa da Câmara, o Quartel da Legião da primeira Linha, o Armazém do Depósito de Munições e o Arsenal de Guerra (Fotografia 1)³².

32 O Arsenal de Guerra, situado no largo de mesmo nome, foi criado pelo Príncipe Regente D. João, futuro D. João VI, em 1818, com o nome de Trem de Guerra. Sua construção foi concluída em 1849. Possuía oficinas de ferreiro, carpinteiro e depósito de armas. Recentemente, foi reformado pelo SESC (Serviço Social do Comércio), constituindo-se um centro cultural denominado Sesc Arsenal.

Nesse momento, o crescimento urbano se realizou a partir da colina do Rosário em direção ao Porto Geral, estruturando duas vias de ligação: uma, pela margem direita do córrego da Prainha, em continuação à Rua Bela do Juiz; outra, pela margem esquerda, a partir da Santa Casa de Misericórdia, a Rua dos Pescadores, mais tarde denominada Rua Nova, atual Avenida Dom Aquino.

Um recenseamento realizado em 1825, apontou um total de 4.287 moradores em Cuiabá, distribuídos por 700 habitações. Existiam 330 estabelecimentos comerciais assim especificados: botica – 1, escritório de advogado – 2, ditos de tabeliões – 4, lojas de diversos objetos – 133, talhos de carne – 9, tavernas – 181. Das lojas existentes, 111 eram de fazenda, 9 de molhados, 3 de alfaiate, 4 de latoeiro, 1 de calçados, 1 de charutos, 1 de marceneiro, 3 de padaria. Dos estabelecimentos, 304 pertenciam a brasileiros, 14 a portugueses e 12 a outros (BRANDÃO, 1991).



Fotografia 1: Arsenal de Guerra no início do século XX
Fonte: Álbum Graphico de Mato Grosso, 1914, p. 56

Em 1845, Cuiabá registrou um total de seis a sete mil habitantes, elevando a população, em 1869, para dez mil habitantes. No final do século XIX, a população sofreu um declínio, apresentando, em 1872, um total de 35.987 habitantes; no ano de 1890, tal contingente foi reduzido para 17.815 pessoas, correspondendo a um decréscimo de 50%. Isso

pode ser explicado pelo agravamento das condições de navegabilidade dos rios que davam acesso à cidade (BRANDÃO, 1991).

Consideramos bastante elucidativas para a compreensão da diminuição populacional de Cuiabá, naquele período, as informações de Mamigonian (1986) sobre a dinâmica econômica da cidade. O autor destaca que a Capital era o centro da província, a única entrada e saída para todas as relações comerciais, militares e administrativas, com acesso por terra e pelos rios a todo o interior, inclusive às fortificações localizadas nos limites de seu território. Entretanto, na segunda metade do século XIX, a abertura de fazendas de criação na parte meridional da província, o desenvolvimento de outras atividades econômicas, como a erva-mate, e a abertura da navegação pelo rio Paraguai, enfraqueceram seu papel comercial e militar.

Tendo em vista o estabelecimento da navegação fluvial pelo rio Paraguai, o governo brasileiro assinou com o governo paraguaio, em 1856, o Tratado Provisório de Amizade, Comércio e Navegação, propiciando a ligação de Mato Grosso com o Rio de Janeiro. O rio Paraguai passou a ser a principal via de acesso, comunicação e transporte entre o mercado interno e externo, promovendo o desenvolvimento de Corumbá, de Cáceres e de Cuiabá. Durante a Guerra da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) e o Paraguai, este acordo foi suspenso e somente restabelecido em 1870 (SIQUEIRA *et al.*, 1990).

Os sobrados e as casas senhoriais

No final do século XIX, foi relevante a ação do poder público na realização de edificações de grande porte e incorporação de elementos que imprimiram maior requinte às fachadas e aos espaços construídos. A mudança da capital da Província para Cuiabá foi importante na produção e fixação de características urbanísticas nesta fase (FREIRE, 1997).

No final do século XIX e início do XX, com a influência de construtores europeus, principalmente italianos, vindos através da navegação fluvial, foi introduzida a platibanda, em substituição aos beirais, nas casas dos proprietários mais abastados.

Os mineiros, os fazendeiros, a nova elite de funcionários e os comerciantes formavam o estrato dominante, gerando uma demanda que dava continuidade ao comércio fluvial através do rio Cuiabá. Essa camada social foi responsável pela construção dos sobrados e grandes residências térreas, que modificaram a fisionomia de Cuiabá. Embora pouco mencionada, a parcela pobre da população, com suas casas simples, também construiu novos espaços na cidade.

A iluminação em Cuiabá

Segundo Brandão (1991), em 1839 teve início a iluminação das ruas da cidade por meio de lampiões a azeite de mamona ou de peixe. Um tocheiro percorria regularmente as ruas para acendê-los e apagá-los, exceto nas noites de luar, conforme prescrevia o contrato de prestação de serviço.

Nas residências, o mesmo sistema era utilizado, empregando-se candeeiros, primitivos confeccionados artesanalmente de barro ou lata, em que um pavio de algodão torcido ardia em tênue chama. Muitas casas mantinham em suas portas esses candeeiros, concorrendo com a fraca iluminação pública, dos logradouros mais centrais da cidade, com 60 lampiões. Muito utilizadas, também, eram as velas de sebo produzidas localmente, assim como as de estearina, introduzidas em larga escala a partir da abertura da navegação fluvial.

O querosene passou a ser utilizado como combustível para os lampiões a partir de 1874, ficando esse serviço suspenso no transcorrer da Guerra da Tríplice Aliança.

Em julho de 1873, foi assinado um contrato para a implantação de 100 lampiões a gás, com o comendador Manoel Leite do Amaral Coutinho. O sistema atendeu ao Porto, às ruas 15 de Novembro, 13 de Junho, Antônio Maria, Cândido Mariano e às praças como do Ipiranga, do Largo da Mandioca e da Igreja São Gonçalo (BRANDÃO, 1991).

Em abril de 1878, o Barão de Aguapehy firmou contrato com André V. P. Albuquerque para 100 combustores que, através do gás acetileno, obtido da reação da água com o carbureto de cálcio, passou a ser o combustível utilizado para o fornecimento da iluminação, produzindo

uma chama mais viva e firme. Esse sistema de iluminação pública foi inaugurado em novembro de 1879 (BRANDÃO, 1991).

O abastecimento de água era feito através de bicas e chafarizes, sendo o chafariz do Rosário, o primeiro a ser construído com água proveniente do Tanque do Ernesto. Em seguida, foram edificados os chafarizes do Mundéu, do Largo do Palácio, o da Mandioca, a Bica da Prainha, o Tanque do Baú e o Tanque dos Lázarus, sendo que os dois últimos não tinham água potável. No ano de 1882, o governo do Cel. José Maria Alencastro realizou as obras de fornecimento de água à parte central da cidade, captada do rio Cuiabá pela Hidráulica, estação adutora com bomba de pressão impulsionada por máquina a vapor (BRANDÃO, 1991).

Em 1858, foi fundado o Seminário da Conceição, na colina do Bom Despacho. Em 1871 foi construído um chafariz no Largo da Conceição, atual Praça Bispo Dom José, com aqueduto que levava a água de um reservatório localizado no antigo Quintal do Maranhão. A concentração de residências na direção da Santa Casa de Misericórdia deu origem ao extinto Bairro do Mundéu (Fotografia 2).



Fotografia 2: Chafariz do Mundéu e Largo da Conceição – meados do século XX
Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá – MISC.

A seguir, observamos a antiga Cadeia Pública, construída entre 1858 e 1862, próxima ao Arsenal de Guerra, um edifício de fachada simples. Atualmente, o prédio encontra-se tombado pela Secretaria de Estado de Cultura, dando lugar às atividades do Centro de Reabilitação Dom Aquino Corrêa (Fotografia 3).



Fotografia 3: Antiga Cadeia Pública, atual Centro de Reabilitação Dom Aquino Corrêa
Fonte: Sônia Romancini, 2000.

Segundo Póvoas (1980), as casas típicas de Cuiabá, nos séculos XVIII e XIX, eram construídas umas geminadas às outras. As fachadas apresentavam uma porta ao centro e quatro janelas, sendo duas à direita da porta central e duas à esquerda, correspondendo às peças da frente. A ventilação era facilitada pelo pé direito com cerca de quatro metros e pelos telhados de telhas vãs, sem forros, que tornavam as casas adequadas ao clima da região. Os proprietários não observavam o recuo da fachada, preferindo deixar maiores espaços para os quintais, sempre transformados em pomares, repletos de frondosas mangueiras, cajueiros, abacateiros, dentre outros, ao lado de canteiros de rosas.

A fisionomia e a morfologia urbana de Cuiabá passou por uma modificação significativa após a reativação da navegação fluvial, quando tem início a vinda, para Mato Grosso, dos arquitetos e engenheiros europeus, os quais exerceram influência marcante nas modificações da

paisagem urbana, na virada do século XIX e início do XX, conforme relata Póvoas (1989, p. 86):

Os construtores italianos, espanhóis e gregos foram que introduziram em Cuiabá as platibandas, eliminando os beirais; as fachadas passaram a ser decoradas; as janelas encimadas com arcos mouriscos, quase sempre com vitrões coloridos; as venezianas e os postigos por trás das mesmas, substituíram os caixilhos e as rótulas; surgiram as sacadas decoradas com balaústres. O bom gosto das novas construções fez com que muitos particulares reformassem as fachadas de suas casas, introduzindo a platibanda e outros elementos “modernos”. E assim a Cuiabá do século XIX começou a perder a autenticidade de sua origem portuguesa.

Situado na Rua Sete de Setembro com a Voluntários da Pátria, encontra-se o antigo sobrado de Rafael Verlangiere, conhecido como Casa do Alferes (Fotografia 4) apontado por Póvoas (1980) como autêntico representante da arquitetura colonial. As sacadas projetam-se cerca de 40 centímetros sobre o alinhamento da rua e são encimadas por molduras que confirmam a sua autenticidade, bem como pelas telhas coloniais. Atualmente, o sobrado abriga o Museu da Imagem e do Som de Cuiabá Lázaro Papazian (MISC).



Fotografia 4: Casa dos Alferes na Rua Voluntários da Pátria em 1941, atual MISC.
Fonte: Erich Joachim Hess. Disponível no acervo do Museu da Imagem e do Som de Cuiabá – Lázaro Papazian – MISC.

Outro edifício de destaque com características arquitetônicas deste período, na Rua Sete de Setembro, é a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que no momento encontra-se em obras de conservação, onde a platibanda e as venezianas revelam a influência dos construtores italianos, vindos para Cuiabá pela navegação fluvial (Fotografia 5).



Fotografia 5: Sede do IPHAN na Rua 7 de Setembro
Fonte: Sônia Romancini, 2000.

A casa de Dona Bem-Bem, hoje em fase de restauro, é um exemplo da ~~uma~~ típica casa cuiabana do século XIX (Fotografia 6), de inspiração arquitetônica colonial portuguesa, possuindo beiral, janelas retangulares, caixilhos, paredes espessas, o pé direito alto, caiada de branco, construída sobre o alinhamento das calçadas, tendo aos fundos um amplo quintal (Póvoas, 1989).



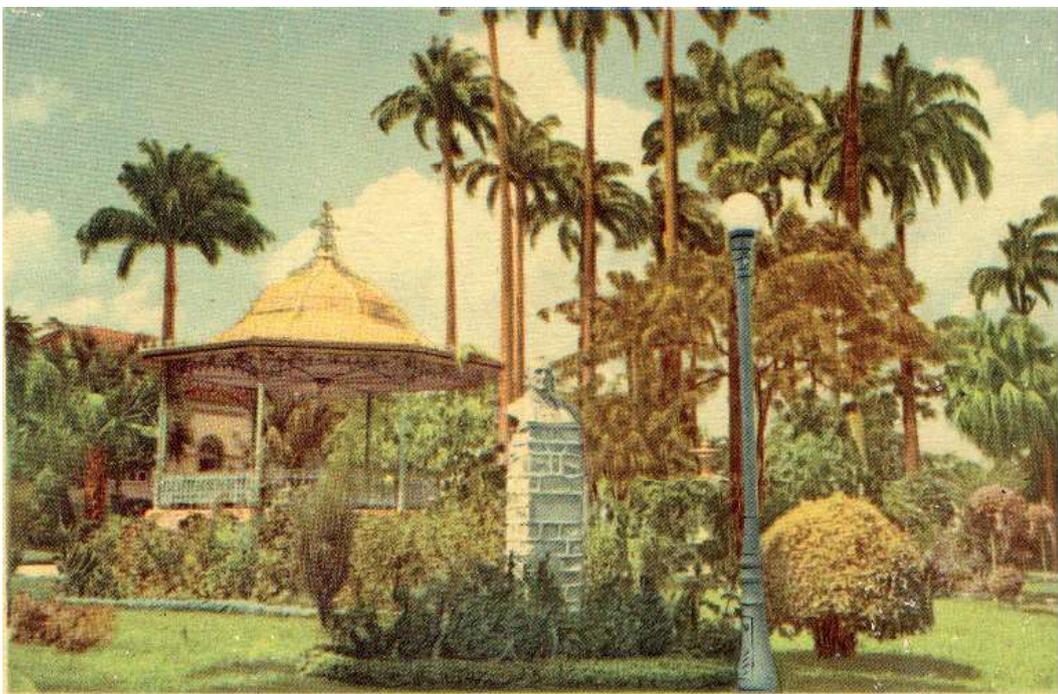
Fotografia 6: Casa de Dona Bem-Bem, com estilo colonial
Fonte: Acervo do *Diário de Cuiabá*, década de 1990

Brandão (1991) aponta que as ruas que surgem no final do século XIX têm regularidade geométrica e são calçadas com pedra bruta, cristal ou canga, sendo que, nas ruas centrais são construídos os passeios. O Presidente Alencastro promoveu a primeira obra de embelezamento da cidade, construindo, em frente ao Palácio do Governo, o Jardim que levou seu nome e foi inaugurado em 1882, passando aquele logradouro a denominar-se Praça Cel. Alencastro (Fotografias 7A e 7B). O Jardim constituiu-se, durante muitos anos, no espaço de grande lazer da população cuiabana. Muito arborizado, com destaque para as palmeiras imperiais, era dotado de fonte com repuxo, canteiros de flores e caramanchões, sendo cercado por mureta e gradil feito com os canos de 2.000 espingardas velhas, utilizadas na Guerra da Tríplice Aliança. Inicialmente, o Jardim foi iluminado por lampiões a querosene.

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL
&
100 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA



Fotografia 7A: Jardim Alencastro com luminárias a querosene em 1904.
Fotografia: Ferrari. Disponível no acervo do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR – UFMT. Extraída do livro: Rede de memórias: 50 anos da implantação da energia elétrica em Mato Grosso (2011).



Fotografia: 7B: Jardim Alencastro e coreto – meados do século XX.
Fonte: Arturo

A construção do Quartel da Legião de Primeira Linha, na Rua Bela do Juiz (Fotografia 8), atual 13 de Junho, e a urbanização do largo fronteiro deram origem mais tarde à Praça Marquês de Aracaty, atual Praça Ipiranga. As apresentações culturais, como a cavalhada e a tourada, que se realizavam naquela área, perdurando até 1876, foram transferidas para o Campo do Ourique,³³ antigo Largo da Forca, uma grande área entre o Porto e o centro da cidade.



Fotografia 8: Rua 13 de Junho – Praça Marquês de Aracaty
Fonte: Álbum Graphico de Matto-Grosso, 1914, p. 316

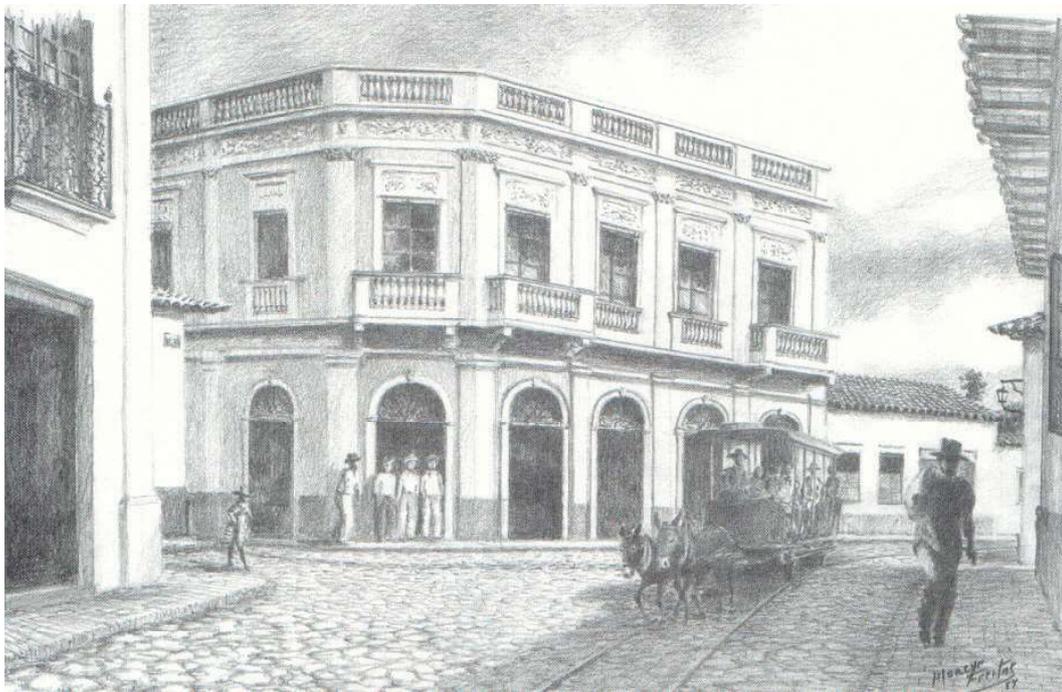
O final do século XIX caracterizou-se pela adoção de novos modelos na arquitetura, por maior adensamento da mancha urbana, dando nitidez ao traçado das ruas, pela consolidação do Porto Geral e início da integração da pequena localidade do Coxipó da Ponte. A malha urbana vai se adensando, sem ampliação do seu tamanho, graças aos recursos provenientes da produção de açúcar e extração da borracha (FREIRE, 1997).

O sobrado da Casa Orlando, de estilo neoclássico, está situado na Rua Galdino Pimentel, antiga Rua de Baixo (Gravura 9). Foi ele edificado

33 No antigo Campo d'Ourique foi construída a sede da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, abrigando hoje a Câmara Municipal de Cuiabá. A praça que abriga este edifício, denominada Pascoal Moreira Cabral, ostenta o marco do Centro Geodésico da América do Sul.

pelos irmãos João e José Sardi, exímios construtores italianos que vieram da Europa especialmente para este trabalho. No sobrado foi instalada a “Casa Orlando”, empresa de extração e exportação de poaia e borracha. Na parte térrea funcionava a loja e o escritório da firma; na parte superior ficava a residência do proprietário (SILVA, 1997).

Em 1891 foi inaugurada a linha de bonde de tração animal, da Companhia Progresso Cuiabano, estendendo seus trilhos desde o Porto até o Largo da Mandioca. Na sequência, observamos a calçada de paralelepípedos com os trilhos dos bondes de burros, na antiga Rua de Baixo.



Gravura 9: Casa Orlando, Sobrado no estilo neoclássico e bondes de burros
Fonte: Moacyr Freitas – 1987

Segundo constatado anteriormente, a navegação fluvial resultou no dinamismo da economia mato-grossense. Várias usinas de açúcar e álcool foram instaladas no “Rio Abaixo”. A exportação de borracha dos seringais mato-grossenses e da poaia ou ipeca, através de Cuiabá, bem como a produção de açúcar nas usinas deu novo impulso ao Porto de Cuiabá (2º Distrito), a partir da segunda metade do século XIX.

O dinamismo na expansão urbana do Porto é melhor compreendido através da Planta Urbana de Cuiabá – 1889 (Figura 10), onde assinalamos o surgimento de ruas e edifícios, consolidando a importância deste logradouro no contexto urbano de Cuiabá, conforme se verifica a seguir.

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL
&
100 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA

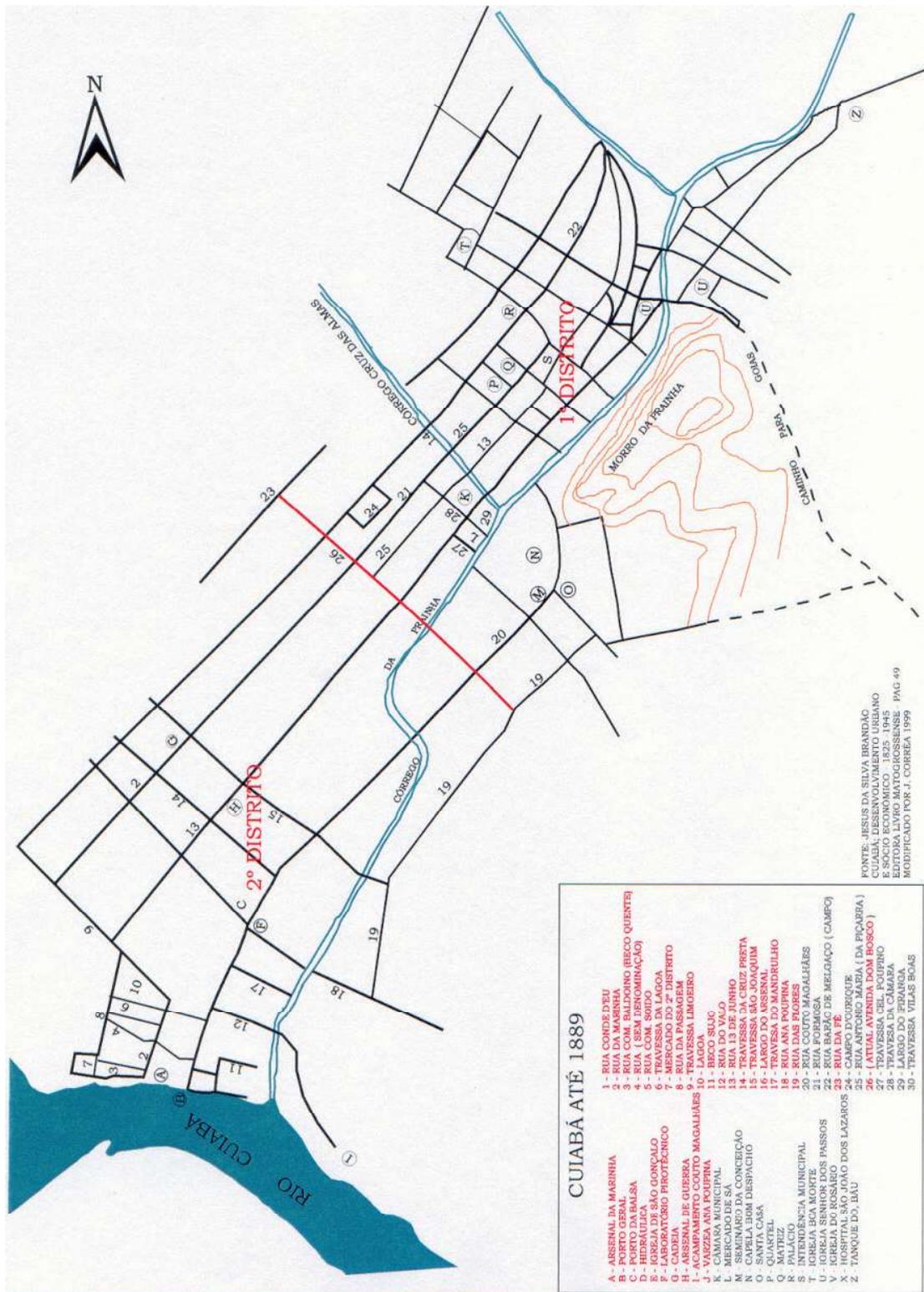


Figura 10: Planta urbana de Cuiabá: 1889.
Fonte: Covezzi, 2000, p. 75

No final do século XIX, evidenciamos que o incremento de construções em Cuiabá se deu em consequência do dinamismo da economia local. Os exemplos mais notáveis dessas edificações, em função dos detalhes das fachadas e jardins, surgiram no Bairro do Porto, na Rua Cândido Mariano, na Rua do Campo (atual Barão de Melgaço) e na 13 de Junho (antiga Bela do Juiz), bem como se localizaram entre as construções tradicionais da Rua de Cima e da Rua do Meio, conforme demonstrado nas imagens anteriores.

Segundo Rodrigues, D. (1969), após o término da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, as ruas de Cuiabá passaram a ostentar os marcos da vitória. Cada uma delas, por meio de um edital da Câmara de 1871, passou a receber nomes de cidadãos ilustres, datas e outras referências às batalhas travadas. Dessa forma, a Rua do Campo passou a se chamar Barão de Melgaço, a Travessa da Alegria – Voluntários da Pátria, a Bela do Juiz – 13 de Junho, a Rua da Esperança – Antônio João Ribeiro, entre outras.

Práticas culturais da população no século XIX

Os quintais cuiabanos caracterizavam-se pela abundância de plantas como ervas medicinais e árvores frutíferas, podendo apresentar pequenas plantações de milho e mandioca. Entre as práticas populares de decoração, se destacava a cerâmica, também utilitária, que se desenvolveu principalmente ao longo das margens do rio Cuiabá, resistindo até o presente momento como importante atividade econômica das comunidades ribeirinhas, a exemplo de São Gonçalo, além da fiação e tecelagem das redes, com franjas e bordados (FREIRE, 1997).

De acordo com Firmo Rodrigues (1969), o hábito de se ingerir guaraná em pó, originário das tribos indígenas do Amazonas e do Pará, foi introduzido pelas expedições militares que desceram os rios Arinos e Tapajós, no início do século XIX.

Segundo Brandão (1991), entre os costumes da população cuiabana, no século XIX, as festividades, tanto profanas como religiosas, eram realizadas com grande participação popular. A festa do Divino Espírito Santo era precedida pelos mensageiros, mascarados que percorriam, a

cavalo, as ruas da cidade convidando o povo e anunciando a realização de baile, iluminação e coreto de música, enquanto outros grupos visitavam as casas, recolhendo a esmola, que podia ser em espécie ou em prendas para serem leiloadas. Rezavam-se as missas nas madrugadas, encerrando a festa com as touradas e cavallhadas de tradição ibérica, armando-se o curro no largo do Palácio, depois transferido para o Largo do Ipiranga e, em 1876, para o Campo do Ourique.

No dia 1º de janeiro, realizava-se a procissão com a imagem do orago da cidade, o Senhor Bom Jesus de Cuiabá, assim como na Sexta-feira Santa, Domingo de Páscoa, Corpus Christi e nos dias santos mais populares. Tal costume se mantém até os dias atuais.

Os festejos juninos, dedicados a homenagear Santo Antônio, São João e São Pedro, eram assinalados pelas fogueiras, sobre as quais alguns devotos caminhavam descalços sobre as brasas, sem se queimarem, segundo relatos da tradição oral cuiabana.

A queima de fogos de artifício era muito difundida nessas ocasiões. O batuque, o cururu, a capoeira e a congada eram os folguedos preferidos pelas classes sociais de menor poder aquisitivo. O jogo de cartas era o passatempo mais difundido em todos os níveis sociais da população, sendo praticado nas residências e nas casas de truco e tabernas.

Brandão (1991) informa que a maioria das associações existentes era de natureza religiosa, congregando, em irmandades e ordens terceiras, os fiéis de cada igreja. Vinculadas à paróquia da Sé, havia duas irmandades: a Irmandade do Santíssimo Sacramento, composta pelas pessoas mais proeminentes do lugar, possuindo grande patrimônio sob a forma de moeda e imóveis, e a Irmandade de São Miguel das Almas, que possuía uma casa e administrava uma ala no cemitério da Piedade.

Algumas irmandades congregavam apenas os homens de cor, a exemplo de duas que existiam na Igreja do Rosário, os quais conservavam a igreja com muito asseio. Ali se cultuava com grande devoção o São Benedito das Escuras. A Irmandade da Igreja da Boa Morte reunia as pessoas de cor parda. A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia era de cunho beneficente.

O universo cultural das elites, no final do século XIX, é analisado por Siqueira (2000), que ressalta a importância da abertura da navegação para o aumento das atividades ligadas aos meios de comunicação escritos, como os livros, jornais, panfletos políticos e de propaganda, revistas, entre outros. No tocante às agremiações que se constituíram nesse período, a autora aponta a Sociedade União dos Militares, a Sociedade Dramática União Militar, a Sociedade Dramática Amor à Arte, o Clube Literário e a Associação Literária Cuiabana.

A paisagem de Cuiabá sob o olhar dos viajantes

No decorrer do século XIX, a cidade de Cuiabá recebeu a visita de várias expedições científicas, formadas por naturalistas, botânicos, artistas, médicos, entre outros, que tinham como objetivo registrar os aspectos naturais da região e a organização social da população local. Esses registros são importantes por revelarem os aspectos da cidade de Cuiabá naquele período, demonstrando como suas paisagens e costumes foram apreendidos pelos viajantes, segundo as descrições realizadas.

Integrante da Expedição Langsdorff,³⁴ Hercules Florence escreveu a obra *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829*. Em seu diário de viagem, o autor detalha a primeira parte com interessantes observações e gravuras sobre Cuiabá, em pleno ano de 1827.

Florence (1977, p. 137) destaca a vista da cidade entre os morros e colinas, que, naquela época, eram pouco ocupados pela população, sobressaindo-se as igrejas e a vegetação que se somava às plantas que compunham os quintais:

A cidade de Cuiabá é cercada de colinas que com exceção da parte ocidental limitam-lhe o horizonte. O plano em que se assenta é inclinado até a base dos outeiros do lado meridional, onde corre um riacho chamado Prainha que em direção quase reta vai para O. e, separando a cidade de um de seus arrabaldes, atravessa uma planície de quarto de légua, com curso paralelo ao caminho do porto, até cair no rio Cuiabá. No tempo seco fica todo cortado e chega a desaparecer [...] A cidade pode ter meio quarto de légua de

34 Apesar de Langsdorff ter permanecido um ano em Cuiabá, não deixou registros sobre a cidade.

poente a nascente e dois terços dessa distância de N. a S. Não há senão 18 ou 20 casas de sobrado, esse mesmo pequeno: todas as mais são térreas. Cada casa tem nos fundos um jardim plantado de laranjeiras, limoeiros, goiabeiras, cajueiros e tamarindeiros, árvore cuja folhagem densa e escura forma no meio das outras agradável contraste, concorrendo todas elas para darem à povoação aspecto risonho e pitoresco.

Além dos textos escritos, o autor deixou suas impressões sobre a cidade, registradas em imagens, entre as quais, selecionamos uma gravura para ilustração de Cuiabá no período (Figura 11).

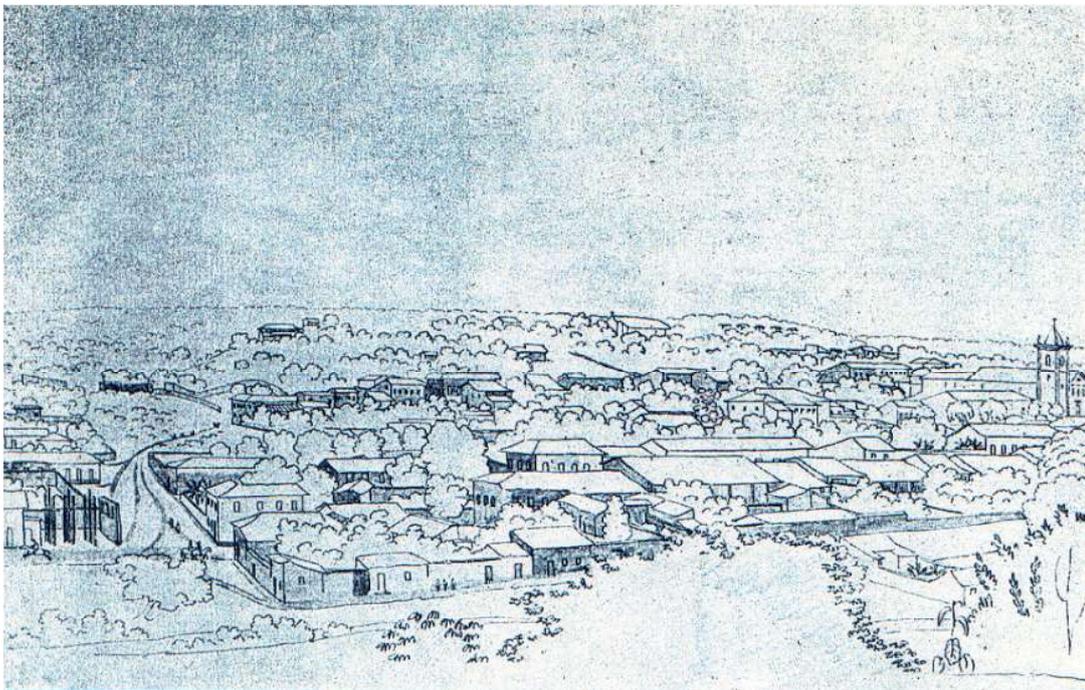


Figura 11: Ilustração de Cuiabá no início do século XIX.
Fonte: Florence, 1977

A gravura apresentada foi desenhada a partir do alto do Morro da Prainha. Nota-se claramente, despontando entre os telhados do casario secular, uma vegetação exuberante e a torre da igreja Matriz, à direita. No canto inferior, à esquerda, observa-se a confluência dos córregos Prainha com Cruz das Almas; à direita, o Morro da Prainha.

Sobre o aspecto das casas e edifícios públicos de Cuiabá, assim escreve Florence (1977, p. 137;142):

Rebocam-se por fora as habitações com tabatinga, que lhes dá extrema alvura: entretanto muitas há, principalmente nos arredores,

que conservam a cor sombria da taipa de que são feitas, bem como todos os muros e cercados. Não há uma só casa que tenha chaminé: a cozinha faz-se no jardim debaixo de um telheiro. O edifício em que estão o presidente e a intendência chama-se palácio: é térreo; as janelas, únicas na cidade, têm caixilhos com vidros. Há uma cadeia, em cujo sobrado trabalha a câmara municipal; um quartel para a tropa, uma casa da moeda e quatro igrejas [...] O único passeio que tem a cidade é o caminho de meio quarto de légua de extensão que vai ter ao porto. Aí só se vêem 15 ou 20 casas, algumas canoas, *Guanás*, *Caburés*, negros e mulatos.

No livro *Quadro Corográfico de Mato Grosso*, Mendonça apresenta uma descrição de Cuiabá, realizada por Joaquim Ferreira Moutinho, em 1868, que mostra o desenvolvimento da cidade, 41 anos após a visita de Florence (MOUTINHO *apud* MENDONÇA, R., 1906, p. 90):

Cuiabá tem um aspecto alegre [...] as suas ruas são quase todas calçadas de pedra cristal, que, quando lavadas pelas chuvas, tornam-se bastante asseadas. Tem não pequeno número de ruas, sendo a principal a Bela do Juiz, que parte do largo da Matriz e vai desembocar no Arsenal de Guerra, continuando ainda com outro nome. Existem nela as melhores casas, cuja maior parte foi construída há pouco tempo pelo sistema moderno. Há também as ruas – Direita, do Comércio, Augusta, do Campo, da Esperança, da Piçarra, Formosa e a do Mundéu, que ficam no centro da cidade, todas elas cortadas por becos na maior parte tortuosos. As praças principais são a da Matriz, do Palácio, Boa Morte, Ipiranga, Arsenal de Guerra, São Gonçalo e d’Ourique.

Na obra *O Brasil Central*, escrita em 1881 por Karl Von Den Steinen, ao iniciar o capítulo *Generalidades sobre Cuiabá*, o autor apresenta alguns aspectos interessantes da paisagem urbana da cidade, que teve sua comitiva como hóspede por quase dois meses. Assim relata os aspectos das residências e o costume de se dormir em redes: “Como adultos e menores dormem nas redes, ganha-se muito espaço; num instante a sala é transformada em dormitório. Ao lado dessa invenção do ameríndio que, às vezes, é objeto de muito luxo e gosto, também se encontram camas nas casas mais ricas [...]” (STEINEN, 1942, p. 66).

A vida cotidiana dos habitantes de Cuiabá é descrita por Steinen com todos os detalhes, com tanta vivacidade que, facilmente, nos remete às ruas de Cuiabá do século XIX. Vejamos algumas das observações (STEINEN, 1942, p. 67-8):

Uma paz campestre reinava [...] na ampla rua que dava para o porto e na qual morávamos. Quem passava por essas ruas? Mulheres com vestidos de cores berrantes, oferecendo peixes, frutas ou rapaduras, balas [...] Uma mocinha vendia cigarros pretos, embrulhados em palha de milho, uma outra oferecia bebidas refrescantes [...] Aqui e ali alguns soldados [...] O comércio nas lojas, feito sem ruído e sem pressa, é constituído de grandes depósitos de artigos importados, como conservas, artigos de ferro, de limpeza, manufatura e brinquedos e tudo que se relaciona com as necessidades domésticas. As novidades do dia são discutidas pelos senhores na farmácia [...] Apenas um acontecimento perturba essa serenidade. É que todo mês a voz do século XIX ressoa no rio Cuiabá... Um tiro de canhão e a corneta do quartel anunciam a presença do vapor, ancorado no porto. Todos correm para o correio e em pouco tempo os que conhecem a leitura e a escrita se acham reunidos para a chamada.

Este viajante, ao notar aquela vida alegre e, de certa forma, sem grandes preocupações, elaborou uma frase, para expressar a alegria do cuiabano e seu gosto pelas festas, especialmente as dedicadas aos santos (STEINEN, 1942, p. 68):

Não é possível que haja uma outra cidade no mundo onde se toque mais música, se dance mais, se jogue mais baralho do que aqui... É impossível, também, que em algum lugar se alteiem mais frequentemente os estandartes da procissão e se saiba associar melhor as missas com os prazeres sociais.

Steinen (1942, p. 84) afirma ainda que “a vida social é o lado agradável de Cuiabá. Uma festa resgata a outra, e em toda parte se é bem acolhido”. Dessa forma, ficou registrado o aspecto festivo da cidade e a alegria dos cuiabanos, características marcantes até os dias atuais.

As touradas em Cuiabá

Ainda no tocante às práticas festivas e seus componentes sociais e culturais na Cuiabá do período imperial, é importante mencionar as touradas que, inicialmente, receberam o nome de “corrida do touro”, por volta de 1805, mas que ganharam maior destaque na cuiabania, já no período imperial.

Esta manifestação integrava os festejos religiosos do Senhor Divino, momento em que a cidade festeja intensamente a fé, na igreja, nas ruas e nos camarotes das touradas, possibilitando momentos de socialização e quebra da rotina na cidade.

A fotografia 12, de autoria de Raimundo Bastos, da década de 1920, destaca a atuação dos Capinhas, que eram os homens que enfrentavam os touros. Esta afigurou-se como uma das manifestações festivas que atraíam muitos cuiabanos, após os festejos religiosos do Senhor Divino. Para alguns, um espetáculo de divertimento e lazer, para outros, uma barbárie.

Destaca-se ainda no plano de fundo da imagem apresentada, os camarotes, que eram arquibancadas, sempre decoradas com longos tecidos, local onde parte da cuiabania prestigiava o evento. Ressalta-se que em Cuiabá, seguia a tradição portuguesa, isso significa que não se sacrificavam os animais no final do evento, diferente das touradas com inspirações espanholas.



Fotografia 12: Touradas em Cuiabá na década de 1920.
Fotógrafo: Raimundo Bastos

Quanto à espacialidade das touradas em Cuiabá, diferentemente de outros locais, destaca-se o Jardim, hoje Praça Ipiranga, e no Campo d’Ourique, que hoje é a Praça Moreira Cabral, local onde está instalada a Câmara Municipal de Cuiabá e também onde está o marco do Centro Geodésico da América do Sul. Sobre a historicidade dos locais onde ocorreram as touradas, Moreira (2018, p. 10), relata:

O evento, antes realizado no Ypiranga, passou, desde 1876, a ser realizado no Campo d’Ourique (a atual Praça Moreira Cabral), também conhecida como Praça do Alegre ou Praça Luiz de Albuquerque, sendo popularmente chamada de Praça das Touradas ou Largo das Touradas. O povo antigo conhecia o local por nome de Largo da Forca, pois, rezam as crônicas orais que ali eram realizadas execuções de criminosos, sendo as últimas levadas a cabo no ano de 1848.

Em 1936 foi encenada a última tourada em Cuiabá, realizada durante a festa de São Benedito. O fim desta polêmica manifestação se deu em função a distintas desaprovações de grupos sociais diversos da sociedade cuiabana que reivindicavam a proteção animal, pessoas contrárias a quaisquer tipos de maus tratos animais e trabalhos excessivos. No entanto, mesmo após seu fim, as touradas permanecem na memória de Cuiabá, e que inegavelmente, integrou o calendário festivo e, para alguns, afetivo da cidade.

Considerações finais

A proposta maior deste artigo foi a de refletir sobre a importância da memória urbana, em especial para distintas espacialidades e práticas cotidianas da cidade de Cuiabá, através de imagens e relatos sobre a cidade de outrora. O olhar para a Cuiabá imperial, quando ocorreu a Independência do Brasil, nos possibilita compreender a morfologia urbana da Cuiabá contemporânea e rememorar práticas socioespaciais que devem ser valorizadas no presente.

Entender como a cidade se organizou e como a paisagem urbana se dinamiza com o tempo, é um convite para entendermos a produção do espaço urbano em um movimento pendular, onde o ontem nos ajuda a entender o hoje e a vislumbrar o amanhã.

Referências

- ÁLBUM GRAPHICO do Estado de Matto-Grosso. Ayala & Simon, janeiro de 1914. Corumbá; Hamburgo, 1914.
- BRANDÃO, Jesus da Silva. *Cuiabá: desenvolvimento urbano e sócio econômico – 1825 –1945*. Cuiabá: Editora Livro Matogrossense, 1991.
- COVEZZI, Marinete. *Lembranças do Porto: um estudo sobre o trabalho e os trabalhadores do Porto de Cuiabá (1940-1970)*. Araraquara, 2000. 255p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829*. Tradução de Visconde de Taunay. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- FREIRE, Júlio De Lamônica. *Por uma poética popular da arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.
- MAMIGONIAN, Armen. Inserção de Mato Grosso ao mercado nacional e a gênese de Corumbá. *Geosul*. n.1, ano 1, p. 39-58. Florianópolis: Ed. da UFSC, primeiro semestre de 1986.
- MOREIRA, Mayara Laet. Campanhas contrárias às touradas cuiabanas: ressonâncias do projeto civilista e do movimento de modernização brasileiro na capital mato-grossense dos anos de 1920. *Revista Tempo Amazônico*. V. 6. n.1, 2018, p. 5-18.
- PÓVOAS, Lenine C. *Sobrados e casas senhoriais de Cuiabá*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1980.

PÓVOAS, Lenine C. *Os italianos em Mato Grosso*. São Paulo: Resenha Tributária, 1989.

REDE de memórias: 50 anos da implantação da energia elétrica em Mato Grosso. Cuiabá: AMISCIM/Carlini & CAniato Editorial, 2011.

RODRIGUES, Dunga. *Reminiscências de Cuiabá*. Goiânia: Editora Cinco de Março, 1969.

RODRIGUES, Firmo. *Figuras e coisas de nossa terra*. Cuiabá, 1969.

ROMANCINI, Sônia R. *Paisagens de Cuiabá: uma abordagem geográfica*. 2001. 307 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2001.

SILVA, Paulo Pitaluga C. In: SILVA, Paulo P. C.; FREITAS, Moacyr. *Gravuras cuiabanas*. Cuiabá: M.E. Cardoso, 1997.

SIQUEIRA, Elizabeth M., COSTA, Lourença A. CARVALHO, Cathia M. C. *O processo histórico de Mato Grosso*. Cuiabá: EdUFMT, 1990.

STEINEN, Karl Von Den. *O Brasil Central: expedição em 1881 para a exploração do rio Xingu*. Tradução de Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.